

## **DERIVAS SENSÍVEIS COMO DESVENDAMENTO DO TERRITÓRIO URBANO: UM EXPERIMENTO EM AVARÉ**

Lucas Bruno Dalcim (IC) e Vólia Regina Kato (Orientadora)

**Apoio:** PIBIC Mackenzie

### **RESUMO**

A pesquisa busca destacar possibilidades de uso de outros instrumentos metodológicos – as derivas urbanas – como forma de apreensão da cidade e descoberta de dinâmicas submersas no território que possam trazer subsídios para a atividade projetual arquitetônica ao lado dos outros fundamentos conceituais e técnicos. Trata-se aqui de experimentos realizados no território urbano no Município de Avaré. A partir de predefinições históricas, artísticas e culturais, uma inquietação sobre o marasmo da população avareense frente à demolição de um edifício histórico tombado no centro da cidade a pesquisa suscita a proposição desta pesquisa, trazendo narrativas das errâncias à partir da criação de um personagem denominado Andarilho Interior. Ele exerce constante vigilância na cidade a partir de um caminhar lento, criando múltiplos percursos e revela um olhar sensível interpretativo sobre o espaço urbano, além de compreender as sobreposições históricas da cidade e a relação dos afetos das pessoas com o espaço público.

**Palavras-chave:** cartografias, cotidiano, derivas urbanas, cidade de Avaré.

### **ABSTRACT**

The research seeks to highlight possibilities of using other methodological instruments - the urban drift - as a way of apprehending the city and discovering submerged dynamics in the territory that may provide subsidies for architectural design activity alongside the other conceptual and technical foundations. These are experiments performed in the urban territory in the municipality of Avaré. From historical, artistic and cultural presets, a concern about the doldrums of the avareense population facing the demolition of a historic building in the city center the research raises the proposition of this research, bringing narratives of the wanderings from the creation of a character named Inner Wanderer. He exercises constant vigilance in the city from a slow walk, creating multiple paths and reveals a sensitive interpretative look on the urban space, as well as understanding the historical overlaps of the city and the relationship of people's affections with the public space.

**Keywords:** cartography, daily, urban drifts, city of Avaré.

## 1. INTRODUÇÃO

Atento me, como de costume, ao caminhar pelas ruas da cidade de Avaré - uma cidade interiorana que possui 90.000 habitantes e situa-se na região sudoeste paulista do estado de São Paulo, distante 260 quilômetros da capital - na percepção das transformações urbanas; desde uma pedra portuguesa solta na praça central até um casebre ou palacete que fora recentemente demolido em prol de um interesse qualquer. Obtenho então registros artísticos que garantem uma memória iconográfica do desenvolvimento urbano regional.

Um recente episódio marcou a fragilidade da organização do patrimônio histórico local, que no ano de 2016, assistiu imóvel a demolição do Colégio São José, construído em 1958, importante ícone da identidade avareense que havia sido tombado pelo Condephaat. Por acaso, decidi revisitar o antigo colégio para realizar um desenho de sua fachada para um acervo iconográfico pessoal e ao chegar no local onde estava implantada a edificação, me deparei com um terreno vago. Quem em sã consciência demoliria tamanho ícone nostálgico? Uma absoluta afronta à identidade avareense, a historicidade urbana e ao sistema organizacional de políticas públicas de tombamento.

A população tão pouco sentiu falta de tamanha referência histórica; todos continuam suas rotinas árduas e ignorantes quanto às ações que regem o desenvolvimento do município, existindo então uma evidente separação entre o indivíduo e a cidade. As imposições dos interesses frente às dinâmicas econômicas e políticas sobre o território desconsideram elementos da cultura e das relações sociais, da natureza e históricos, caracteres que configuram o espírito de lugar e renegam uma memória sensível dos elementos ícones da cidade.

[...]  
Que importa este lugar  
se todo lugar  
é ponto de ver e não de ser?  
E esta hora, se toda hora  
já se completa longe de si mesma  
e te deixa mais longe da procura?  
[...]  
(ANDRADE C. Drummond. 2002)

Trazer estes elementos à tona significa destampar princípios significativos do passado e da geografia natural, ação que acarreta a ressignificação da cidade em suas variadas escalas. Isto exige uma aproximação sensível do arquiteto frente à cidade e dos aspectos cotidianos da vida urbana.

Sugere-se então a necessidade de existir a figura de um andarilho em nossas cidades, sem nenhum dever imediato, apenas um indivíduo que perambula pelas ruelas e habita a cidade com uma intensidade diversa, capaz de reconhecer a cidade tamponada, agente simbólico da postura metodológica desejada. Em meio às derivações pela terra, água, verde e sol surge então um expectador da cidade, um heterônimo do acaso, o andarilho interior. Sinta-se à vontade para personificá-lo como desejar, mas lembre-se que este ser anônimo de nada o ajudará a formar novas opiniões e que qualquer crítica civil ou urbana que porventura venham a aparecer nessa pesquisa devem ser consideradas, como de praxe, fictícias. Esta figura simbólica é assumida aqui como a personificação da experiência de desvendamento de fragmentos e relações no território urbano em Avaré através do caminhar voluntário e livre expresso em múltiplos percursos e narrativas.

O andarilho interior oferece a possibilidade de uma nova leitura urbana baseada no sensível, percorrendo ao acaso, identificando rastros e compreendendo a lógica da transformação urbana e sua percepção é desejada no modo de pensar a arquitetura e urbanismo vigentes. Ela traz sobriedade nas avaliações do cotidiano dos espaços e movimenta uma possibilidade de (re)conhecer o ambiente vivido. Então a deriva se apresenta como metodologia que possibilita desbravar a cidade. Como afirma Paola Berestein (2003), seria de grande interesse recuperar o pensamento situacionista sobre a cidade, e para tanto, possibilitar um urbanismo que leve em consideração as pessoas.

Com o desenvolvimento desta metodologia de compreensão do território, problemáticas citadinas cotidianas podem ser reinterpretadas e (re)compreendidas através da alternância das escalas, e consequentemente, de uma ação projetual com resoluções mais abrangentes.

A descoberta norteadora dessa pesquisa foi um córrego que percorre todo o centro da cidade. Há uma cidade oculta que desconheço? Para tanto, o papel do recém-chegado andarilho interior é imprescindível na (re)descoberta de uma cidade que foi superada pelo avanço e suas veias naturais, pulsantes e vitais para a vida, foram enterradas e condenadas ao anonimato.

A partir de um recorte urbano que abrange o centro de Avaré, área que frequentemente sofre alagamentos, colocam-se questões de pesquisas voltadas para o resgate de elementos históricos e dos aspectos da natureza local vinculados às identidades culturais da cidade, como elementos importantes para subsidiar intervenções arquitetônicas e urbanísticas do presente neste recorte territorial, tendo em vista o reconhecimento de suas condições atuais.

Cabe destacar que o interesse pela pesquisa nasce do reconhecimento de que o aprendizado nas diversas áreas que compõem o curso de Arquitetura e Urbanismo evidenciam algumas metodologias projetuais, distintas entre si, que permitem ao aluno aproximações diversas com o território de interesse. Desde um respaldo teórico argumentativo até meios diversos de projetar, a deriva se apresenta como modo de reconhecer o território vivido e embasa reflexões sobre os projetos, em particular, minha demanda do TFG, que visa estudar o território natural tamponado em Avaré, delimitação que se dá na área central da cidade, local de frequentes inundações. Logo tal experimentação - a deriva sensível como metodologia projetual e formadora de um reconhecimento cultural e artístico da cidade - buscou ampliar a reflexão teórica sobre estratégias de projeto. Nota-se então a importância de se compreender os regionalismos artístico e cultural. Há então a possibilidade de se realizar um projeto de uma intervenção urbana que identifique questões sensíveis - a partir de um levantamento nômade que percorra a delimitação dada pelo alcance das enchentes - resulte numa metodologia diversa a tradicional de se projetar, e consequentemente as ações projetuais tenham maior vínculo com a realidade urbana?

É nesse sentido que a pesquisa persegue o intuito de, por meio das derivas urbanas, compreender o processo de desenvolvimento da cidade de Avaré e consequentemente, analisar seus problemas de infraestrutura a partir das errâncias em suas ruas, becos e desvios.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

As leituras interpretativas dos espaços urbano e social podem ser realizadas a partir de mapeamentos geográficos oriundos de pesquisas e levantamentos ocasionais, como a averiguação do desenho das cidades, seus respectivos usos e delimitações cujos dados são sazonalmente atualizados com base no factual, sem levar em conta o empírico. Essas atividades são similares ao caso de um antropólogo em que o tratamento interpretativo se dá em um caráter mais generalista e de cunho universal, como defende o pesquisador Michael Agier. Já na etnologia, a busca pelo detalhe é imprescindível, cada individualidade trará lucidez ao todo e os sentimentos, as incertezas e todos os aspectos resultantes dos acontecimentos da vida cotidiana são pontos essenciais para a reflexão.

[...] O que o etnólogo transmite caminha lentamente da observação à interpretação, da prática à teoria. Iniciação, lição, aprendizagem, exercícios:

são palavras de um saber que nasce numa longa relação com as pessoas de seu campo”. (AGIER, 2004, p.9).

Um levantamento de campo então baseado nas percepções do etnólogo, essencialmente sensitivo e embasado nas particularidades do indivíduo resulta na possibilidade da elaboração de cartografias sensíveis como produtos etnográficos do indivíduo ou do lugar. Mas ainda há o reconhecimento de um antropólogo dentro do etnólogo e vice versa – por mais particular que aparente ser o conhecimento gerado na etnologia ela engloba um caráter de construção de uma consciência global e humanista. Essa correlação é necessária para a existência de ambos, assim como o mapeamento geográfico para a elaboração de cartografias sensíveis. Surge então o cartógrafo, indivíduo que a partir da definição de Suely Rolnik em sua obra *Cartografia Sentimental*, 1989 qualifica-o como “um verdadeiro antropófago”: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado”.

[...] Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. Aliás, “entender”, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima - céus da transcendência -, nem embaixo - brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem. [...]

(ROLNIK, 1989, p.12)

A caminhada urbana trará uma percepção da cidade em que os caminhos não convencionais poderão ser descobertos, a vida cotidiana poderá ser vivenciada e explorada a partir dos tempos do andar e da parada e conseqüentemente, a partir dessas caminhadas errantes será possível realizar uma sequência de registros – todos cartografados - que em seu todo trarão a leitura do território a partir dessas derivas urbanas.

Segundo Jane Jacobs (1961), a cidade vive, ou morre, quando o todo, cidade e sociedade, é capaz de criar e construir espaços criativos e coletivos para uso mútuo. Para ela as cidades só existem a partir do momento em que haja diversidade de pessoas constituindo um todo que habita a urbe. A dualidade ideológica sobre o futuro dos municípios, sendo metrópoles ou conformações de pequeno ou médio porte, representam modelos de desenvolvimento do território antagônicos e precursores de triagens estruturais das cidades que, de fato, provam-se rotineiramente, irreversíveis; Jacobs nos anos 30 cumpria uma

importante função social para Nova York, sendo uma influente liderança em seu bairro, Greenwich Village. Ela se opôs ao famigerado engenheiro Robert Moses, que incorporava uma das diversas frentes de planejadores que regiam operações urbanas denominadas “*superhighways*”, ações que devastariam as casas e o modo de vida local, através da construção do Lower Manhattan Expressway, uma via expressa de 10 pistas sobre Manhattan, medida que exterminaria os bairros de West Village e o Soho.

O debate contemporâneo retoma o protagonismo das cidades e, para tanto, a discussão sobre a vivência coletiva e sua relação com os limites entre o espaço público e o privado com o intuito de ressignificar esses limites de tensões. Jack London, 2003, apresenta à deriva como um meio de se subverter a cidade. A internacional situacionista trazia o desejo de se opor à Carta de Atenas e visava adquirir novos meios de apropriação da cidade, para assim compor uma frente de ações que englobassem ativamente a população.

A Internacional Situacionista era composta por artistas, pensadores, intelectuais e ativistas e lutava contra a globalização, contra a não participação coletiva da conjuntura social. A crítica perante as cidades europeias do espetáculo, em que agentes com alto poder aquisitivo dividem-se em conservadores ou progressistas, ambos com o interesse de lucrar com a preservação do histórico que acarreta a museificação da cidade, ou a reprodução de construções de “cidades disneylandias” que geram o espetáculo por si só. A oposição dos situacionistas à Carta de Atenas também é evidente, uma vez que a premissa central da carta é a setorização do meio urbano pelos usos. Há uma tentativa de trazer meios de vislumbrar a cidade a partir do efêmero, sem uma necessidade de se estabelecer uma ancoragem projetual definitiva. O ideal de deriva ou de acontecimentos temporários não visa a elaboração de um dogma urbanístico a partir do urbanismo comunitário, mas sim realiza uma crítica ao pensar urbanístico vigente na época, ou seja, o moderno. Guy Ernest Debord foi um intelectual que iniciou a Internacional situacionista, e na época ele participava de um grupo de letristas, que publicava rotineiramente textos que continham referências à deriva ou a psicogeografia.

“As grandes cidades são favoráveis à distração que chamamos de deriva. A deriva é uma técnica de andar sem rumo. Ela se mistura à influência do cenário. Todas as casas são belas. A arquitetura deve se tornar apaixonante. [...] O novo urbanismo é inseparável das transformações econômicas e sociais felizmente inevitáveis. [...] A valorização dos lazeres não é uma brincadeira.” (DEBORD e FILLON, Potlatch, 14 de novembro de 1954).

Na obra *Experiência errática e narrativas urbanas*, de Paola Berenstein Jacques, 2012, o homem contemporâneo aparece como expropriado de sua experiência nas grandes cidades. Outro fator importante na relação dos indivíduos com o espaço são as transformações urbanas que de tanto em tanto afetam a experiência sensível e subjetiva dos habitantes. A cidade espetáculo, como foi anteriormente citada, remete a um estado anestésico do ser, que altera integralmente sua relação com a paisagem urbana, que agora passa a valorizar propagandas e mais propagandas em seu cotidiano. Segundo a autora, Agamben afirma que o slogan publicitário é o provérbio de uma humanidade que perdeu a experiência.

Assim a experiência errática é uma ferramenta de apreensão da cidade e é “um exercício de afastamento voluntário do lugar mais familiar e cotidiano, em busca de uma condição de estranhamento, em busca de uma alteridade radical”. (Id.Ibidem, p.111) Para se conseguir criar as memórias a partir das narrativas erráticas é necessário não ter um objetivo, a não ser o de se perder para encontrar algo novo, uma nova experiência. Segundo a autora, existem três aspectos fundamentais para se caracterizar a narrativa errante: inicialmente é necessário se perder para libertar sua mente de pré conceitos iniciais; posteriormente o estado do caminhar deve ser baseado na lentidão; e finalmente é fundamental valorar a relação intensa entre o corpo e o espaço (corporeidade).

Milton Santos em sua obra *Natureza do Espaço: Espaço e Tempo: Razão e Emoção*, 2006, reflete sobre a sociedade contemporânea marcada pela fluidez do capitalismo, pelo tempo diário acelerado e escasso, e a relação de corporeidade na cidade se torna o que há de mais concreto e sensível no espaço urbano.

"Como efeito, o corpo é a propriedade pela qual o sujeito pode fundar a sua extrema singularidade, registrar na carne a sua história na linha de contato e de intersecção com a história do mundo e dos lugares, mote para experimentar a si mesmo, peça de sentido para colher a propriedade das coisas e para afetá-las com a percepção e com a ação, recurso de estranhamento no tempo e de realização temporal no encontro com o outro, figura de interferência, de gozo - e de descoberta."

(CHAVEIRO, 2014, p.250).

### **3. METODOLOGIA**

A dinâmica citadina pressupõe uma série de relações entre indivíduos e espaço construído; a conversa, o caminhar, os conflitos, uma série de episódios marcados pela convivência. É perceptível a presença de cidadãos locais que possuem uma intensidade inigualável quando se pensa na percepção do cotidiano e da cidade. Para tanto a valorização da figura de um *andarilho* em nossas cidades possibilita que o protagonismo do acaso identifique aspectos das dinâmicas diárias primordiais para a possível discussão de um projeto de cidade, em que as arquiteturas locais façam parte de uma lógica urbana baseada nas tradições e no convívio local e nas possibilidades de futuro.

Em meio às derivas pela terra da água, do verde e do sol surge então um expectador da cidade, um heterônimo do acaso, o *andarilho interior* como figura simbólica para corporificar o olhar e a partir dessa experimentação proporcionar a criação de um recurso metodológico de leitura do território. Nessa perspectiva, os resultados do trabalho, apresentados a seguir, expressam as narrativas deste personagem.

#### 4. RESULTADO E DISCUSSÃO

A personificação do andarilho reflete uma percepção desejada no modo de pensar a arquitetura e urbanismo vigentes, ela traz sobriedade nas avaliações do cotidiano dos espaços e movimenta uma possibilidade de (re) conhecer o ambiente vivido. No coração da cidade, nas redondezas e no mercado municipal, símbolo da identidade avareense, nota-se um indivíduo perambulando pela Rua Rio Grande do Sul, a principal rua comercial da cidade de Avaré. Com vestes simples e despojadas, ele usava uma camiseta branca com botões que se adequaram à folga da gola. A disposição dos botões e coloração da camisa se assemelhavam bastante as vestes da cultura do nordeste, em especial das cidades de Recife e Olinda. Sua calça de moletom cinza escuro refletia uma sensação de conforto do homem ao caminhar. Com um sapato novo e confortável, ele complementa sua vestimenta com um pano branco que envolvia sua cabeça e finalizava a forração corpórea em suas costas. Ele se apoiava em uma espécie de cajado com uma sacola pendurada na parte superior da madeira e ao mesmo tempo utilizava o acessório para auxiliá-lo a coletar rastros de seus percursos e para o auxiliá-lo a caminhar.

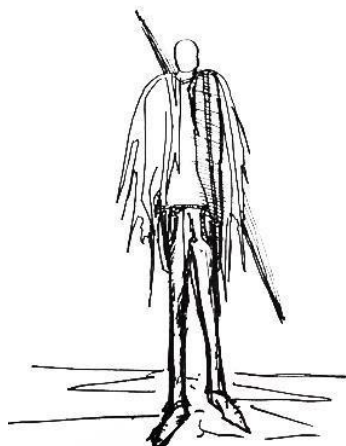


Figura 1. Croqui do Andarilho Interior realizado pelo autor desta pesquisa.

É de se pensar, o quanto ele já viu, ouviu, viveu, percorreu e como aos poucos ele se tornou um ser anônimo ao extremo, um indivíduo que vive às margens da sociedade e que a sociedade, estruturalmente, o nega. Todavia, seu andar pela cidade revela – a ele - particularidades das vivências pessoais e coletivas, assim como a possibilidade de se perder para encontrar algo pelo que tenha algum tipo de atração. Essa independência da rotina do automático repleto de obrigações e prazos, permite-lhe através de uma deriva urbana, conhecer dinâmicas e espaços em sua essência, assim como suas variantes. Sinta-se à vontade para personificá-lo como desejar, mas lembre-se que este ser anônimo de nada o ajudará a formar novas opiniões e que quaisquer críticas civil ou urbana que porventura venha a aparecer nessa pesquisa devem ser consideradas, como de praxe, fictícia.

A partir da criação do andarilho, as andanças pela cidade foram constantes e a pesquisa contou com um total de 20 derivas urbanas. O processo metodológico de cada deriva se deu de forma independente mas com resultados complementares. A primeira caminhada gerou a criação do Andarilho, que a partir de um percurso pelo centro da cidade de Avaré, partindo do Mercado Municipal e chegando até as ruínas do antigo colégio São José, a ausência de um ícone identitário urbano sucedeu a figuração de um ser caminhante da cidade que possua outros olhares sobre a mesma.

Num segundo momento, nas catalogadas derivas 02 e 03, foram realizadas duas caminhadas guiadas a partir dos patrimônios históricos cujo percursos foram embasados por canções avareenses que compõem o cd *Aldeia*, de Juca Novaes, e a realização desses trajetos resultaram na descoberta do interior da antiga Estação Ferroviária de Avaré.

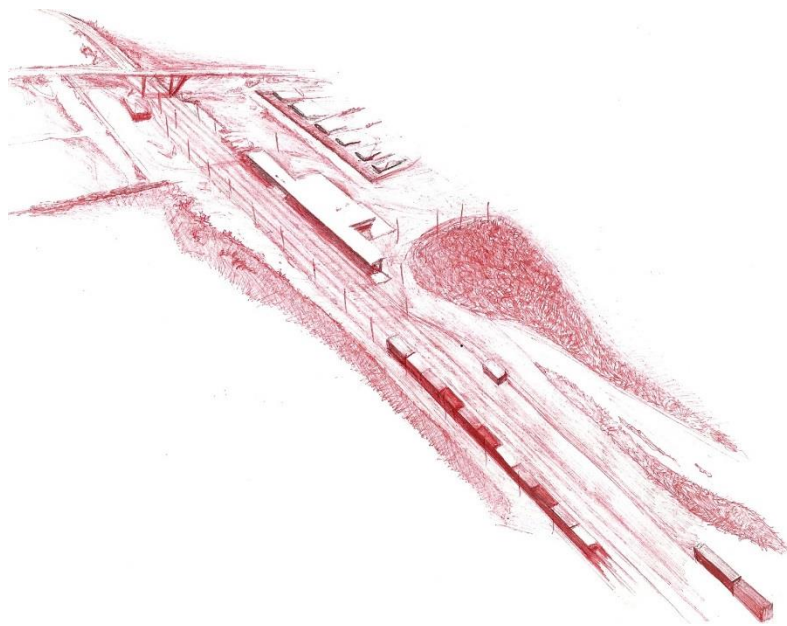


Figura 2. Desenho da antiga estação de Avaré realizado pelo autor.

A vivência pré determinada a partir da estação resultou na descoberta de diversos rastros nas instalações da antiga estação, e para o registro dessas particularidades foram preciso quatro derivas para a complementação das percepções.



Figura 3. Foto a partir do interior da antiga estação de Avaré. Fonte: Produção do autor.

Outras derivas não foram definitivas para o trabalho final de graduação, mas auxiliaram na compreensão do complexo território urbano de Avaré. Assim se deu em especial a caminhada pela antiga piscina do Caldeira, em que a partir do horto florestal foram registrados

alguns pontos turísticos de importância da cidade e que os registros em desenho foram realizados a partir de resquícios históricos que permaneceram no local.



Figura 4. Ponto de descanso dos nadadores da antiga piscina do Caldeira. Fonte: Desenho produzido pelo autor.

Já nas últimas derivas os relatos do andarilho são baseados no caminho do córrego Água Branca, descoberto na última perambulação pela antiga estação. A partir dessa descoberta foi possível a demarcação de alguns pontos de levantamento;

- As relações entre o córrego e a cidade;
- A cidade do verde e da água;
- Os rastros urbanos;
- Um levantamento artístico sobre leituras urbanas.

E esses tópicos sintetizaram algumas percepções abaixo cartografadas.



Figura 5. Narrativas cartográficas: Relações do rio com a cidade. Fonte: Produção do autor.



Figura 6. Narrativas Cartográficas: Registros dos rastros na cidade de Avaré. Fonte: Produção do autor.

E concomitantemente a estas cartografias de percursos temáticos outras cartografias sensíveis sobre leituras urbanas foram produzidas. Em destaque segue a cartografia em que uma carta é escrita ao Ilustríssimo prefeito da prefeitura Municipal de Avaré para o informar, ironicamente, sobre a existência de um córrego. Nessa carta foi mapeado toda sua extensão e alguns desenhos relatando as relações do caminho da água perante à cidade. E a partir dessas relações, uma representação sobre o som do rio ao encarar a brutalidade da constituição urbana e como sua fala é sufocada pelo avanço do silenciador concreto.



Figura 7. Cartografia: Leitura do território de Avaré. Fonte: Produção do autor.

A síntese da sobreposição destas temáticas realizadas através das caminhadas urbanas foi retratada por uma narrativa que descreve a experiência sensorial do andarilho ao percorrer, constatar e correlacionar tais momentos urbanos, relato que embasou a problemática do TFG e o redesenho do caminho de seu córrego.

#### 4.1 Uma Narrativa Literária à partir dos percursos realizados.

Moradores ou visitantes não de observar a antiga estação de Avaré. Viajantes, errantes ou turistas criaram uma grande identidade repleta de afetos com o espaço que marcava a chegada do trem ao município. A obra musical de Juca Novaes com Lucila Novaes,

ambos cantores avareenses, apresenta uma canção que retrata justamente esse elo criado entre os viajantes e a cidade.

“Na madrugada o trem apita e  
o chefe grita é Avaré, é Avaré.”  
(NOVAES, 2009)

Em um dia ensolarado, ao sol raiar, com um sol iluminando seu rosto, acorda o andarilho interior. Ele havia decidido “pousar” na atual e abandonada estação pois sua cobertura e suas paredes degradadas ainda permitem um abrigo mais confortável para o homem. Ao levantar de seu colchão improvisado, enrolado com uma manta xadrez de coloração vinho com demarcações quadriculadas em amarelo, ele reúne seus pertences na área interna da estação, enquanto em um ato improvisado para passar o café acaba por trazer um cheiro típico na manhã interiorana - café este que fora adquirido no café dos “Guerras”, cujo grão é selecionado e produzido na cidade. Ao retirar o café do coador, recebido por uma senhora qualquer no centro da cidade, ele acaba por servir sua bebida cálida em uma xicarazinha trincada de barro, oriunda do descarte dos artesãos locais. Para aguardar seu café esfriar, ele acaba por caminhar nas dependências da estação e alguns espaços tratam por chamar sua atenção. Havia de imediato uma vultosa massa de mato que cobria os trilhos de trem, indícios que o transporte férreo é tampouco usado por ali. Ao olhar para o horizonte, ele acaba por perceber uma senhora passando por entre o silvedo instaurado ali. Intrigante observar alguém cruzar tal local, ainda sem visão completa do percurso. Ele trata de ir em direção da moça e ao chegar bem próximo a ela ele percebe dois jovens sem camisa atravessando os trilhos pelo mesmo caminho que a senhora havia feito. Decididamente era intrigante se aproximar e ver onde tal caminho chegaria, similar à caça de Alice ao coelho atrasado ou Sherlock Holmes quando segue seu instinto. Ao chegar bem próximo ao local, ele nota um espaço de terra batida que era visivelmente uma travessia mais cômoda aos moradores que diariamente tinham que atravessar a linha férrea para chegar ao centro e, no final do dia, retornar. A apropriação cotidiana tratou por induzir uma nova possibilidade de caminho mais ampla e eficaz para os pedestres. Ao permanecer ali por alguns instantes ele nota um fluxo contínuo de pessoas que utilizam esse caminho que cortava o trilho, que subiam por uma escada improvisada com resquícios de blocos de construção e finalmente um trecho mínimo de muro que havia sido subtraído do conjunto para que essa travessia se tornasse mais linear. Ora, tão interessante compreender como tais dinâmicas podem ser (re)construídas a partir da vivência! Ele também nota uma outra possibilidade de caminho, essa paralela ao trilho e perpendicular à travessia já notada. Essa outra possibilidade permite com que caminhantes da cidade consigam cruzar a malha urbana ao lado do trilho, que liga as periferias ao centro, em sentido leste oeste e vice versa. Curioso com tais percepções o

andarilho volta até seus pertences e na volta ele observa uma sobreposição de vedações em uma das entradas da antiga estação. Esse registro tratou por evidenciar a memória da cidade e a respectiva sobreposição dos tempos. Ao pegar seus pertences, ele caminha em busca do caminho da água recém descoberto, que anteriormente ele noticiou ao prefeito como a grande descoberta.

O andarilho então trata de empunhar seu cajado, coloca seu chapéu, recentemente encontrado em uma praça, e retoma a caminhada para tentar encontrar o que era aquele caminho da água. Ao sair da estação, observa um resquício de construção ali na frente e ao se aproximar, percebe que fora realizada uma grande obra pública para que carros e pedestres passassem por baixo do trilho e conseguissem realizar essa travessia. Tamanha construção de um viaduto ainda revela a prioridade imediata ao automóvel e a negação a seus pedestres, gerado através de um elevado investimento público e sem consultar os cidadãos. Os automóveis já possuem uma travessia para a linha férrea a cerca de 200 metros. Se os líderes governamentais tivessem um cuidado para olhar os rastros dos usuários mais necessitados, seria muito provável que a construção dessa transposição fosse distinta do projeto recentemente finalizado.

Ao lado, o andarilho percebe então, em meio à vastidão de vegetação que circunda os trilhos ali próximos, uma singela porção de verde construída por uma parcela da população local, que intuitivamente sinaliza o desejo dos moradores locais de adquirir um espaço de respiro para uso coletivo.

Ao caminhar um pouco mais adiante, ele nota uma praça árida à sua esquerda em frente aos casebres dos antigos trabalhadores da linha férrea. Uma grama periférica ao traçado do espaço acaba por homogeneizar um rastro de um córrego, que luta por sobreviver ao ideário contemporâneo. O córrego então se apresenta com um constante ruído ao fundo, com um tom ameno que trata por criar um espaço de contemplação sonora do caminho da água. Nessa praça, posterior ao rio, algumas senhoras sentam em bancos de costas para o rio e curtem seu banho de sol, tendo ao fundo um constante fluxo sonoro da água, que relaxa e pede uma possibilidade de interação. Dois garotos levaram seus vira latas para brincar na praça e arredores. Os cachorros instintivamente tomaram a frente da brincadeira e saíram correndo em direção ao rio, e uma nova possibilidade de encontro ao rio acaba por surpreender os garotos e por garantir novos espaços lúdicos, em que a imaginação do brincar consegue adquirir outras proporções. O andarilho então, ao observar essa possibilidade, trata por seguir os garotos e desbravar o leito do rio.

Ao atravessar a rua, ele observa um trecho de terra batida ao lado do rio e uma moça caminhando por ele. Ela possuía uma mochila ecológica vazia em seus braços, provavelmente estava indo comprar frutas, verduras e legumes em alguma feira por ali. Ao realizar essa travessia, o andarilho acaba encontrando uma rua em cul-de-sac, com sua parcela de calçada voltada para o rio. Ela possuía uma massa arbórea robusta, com plantas zeladas pelos moradores locais e um espaço de banco para apreciar a rio e a paisagem criada no miolo do bairro. E no desenvolver do rio, acaba-se por criar uma cota mais baixa de ocupação das casas do lado posterior à rua descrita, revelando-se o “fundo de quintal” das casas dali das mais diversas maneiras, criando-se uma nova frente urbana em acordo com o rio. Além dessa nova frente urbana criada, o caminho das Águas acaba por ofertar um modo mais rápido de se atravessar a quadra, em sentido diagonal. Ao chegar ao final dessa travessia, as quadras seguintes que se apresentam são amplas e com baixa ocupação edificante. Sempre avante, composta de pisos de blocos de concreto, uma ruela exclusivamente para pedestres singelamente se apresenta ao desenvolver do percurso e, ao lado dela, uma vegetação densa trata por acomodar o caminho do córrego Água Branca. Essa travessa logo chega em um quarteirão poético, espaço em que se abriga o encontro de dois caminhos da água. No interior dessa quadra, há uma ruína de um espaço de eventos emblemático para as diversas gerações presentes na cidade. “Quantos casamentos, festas de debutantes ou bailes sertanejos a população já presenciou nesse espaço? Triste fim.” Mas o errante prossegue em sua caminhada, agora com o rio já encontrado ele adentra um quarteirão com uma grama cortada, recentemente regada, e com alguns brotos de flores surgindo dessa trama verde. Ao fundo, no rio, ele observou um desenho de uma linda mulher se desfazendo; “qual será a história desse acontecimento?” Ao lado um cercado com algumas mudas em fase crescente tratam de embelezar e colorir a esquina. Seus bancos improvisados, sua alternância de cores, um verdadeiro espetáculo de paisagem. Mais adiante, o rio trata por entrar por entre os muros das construções; “será que ei de te encontrar novamente?” Dificilmente seria possível prosseguir sem orientação alguma, então o som das águas acabou por guiar essa procura, até que na esquina seguinte, o andarilho consegue reencontrar a linha da água. “Por quanto tempo passaremos por isso?” pensa ele. Prosseguindo a caminhada, uma pequena ruela conforma uma vila, e o rio corre logo pra debaixo dessa trama. “Agora o rio me abandonou de vez, como reencontrá-lo?”. O andarilho então se depara com uma placa indicando áreas alagáveis, e logo conclui que basta seguir as placas para retilhar o percurso das águas. E foi efetivo, ele conseguiu encontrar rastros e fragmentos da água, que cruza o lugar mais emblemático da cidade, o centro da identidade avareense, a praça do Mercado Municipal nos cruzamentos das duas das mais importantes ruas da cidade, Rua Santa Catarina e Rua Rio Grande do Sul. “Não haveria jeito melhor de

finalizar sua jornada do que desaguar suas águas a dois quarteirões posteriores ao mercado. Sem problemas, Mas encerro aqui essa caminhada, e logo vou disseminar essa boa nova.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A criação de um personagem para amparar o registro das percepções garantiu a presença de uma figura simbólica para a relação do corpo no espaço e sua distinção de olhares devido a lentidão presente em sua caminhada. A pesquisa então surge como metodologia livre do caminhar, em que partindo da lentidão do caminhar, relacionando a corporeidade com os espaços percorridos e a incorporação dessas experiências ao ser figurativo se consolidou a metodologia de análise e levantamento territorial urbano, com uma possibilidade de leitura das especificidades urbanas e na estruturação de um *modus operandi* possível de ser replicado em outras desejáveis áreas urbanas de pesquisa e intervenção. Com base nas andanças pela cidade as relações entre o agente do andar, as pessoas que integram seu cotidiano e seu espaço urbano usufruto, foi possível mapear os afetos dos indivíduos com o território, os rastros do passado, assim como compreender como a cidade se moldou a partir dos diferentes tempos de articulação do crescimento urbano no município. Reconhecendo as derivas como instrumento potente de identificação dos significados sociais e culturais - trazendo recursos importantes ao arquiteto para o embasamento de ações projetuais, desde a escala de um plano urbano até um projeto de expografia acerca da paisagem urbana percebida - a pesquisa teve como propósito experimentar possibilidades de uso deste instrumento na cidade de Avaré. Os resultados das incursões empíricas através de caminhadas e percursos sobre porções específicas do território urbano, são aqui elencados através de narrativas em múltiplas linguagens.

Esse processo auxiliou no desenvolvimento do meu trabalho final de graduação em que defini um redesenho do córrego urbano a partir das particularidades dos integrantes da vida cotidiana que participam do território explorado, como método direto de integração entre eles. A abordagem metodológica pode ser aplicada à outras iniciativas projetuais e os resultados serão distintos e conectados com a realidade da relação indivíduo e espaço. Houve também a possibilidade de catalogar uma outra visão da cidade a partir das derivas e o material será cedido para a sociedade com o intuito de enriquecer a leitura urbana vigente e a possibilidade de redescoberta das possibilidades de caminhos na cidade e suas ressignificações em relação ao uso.

## 6. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. **A imagem de Mário**. Fotobiografias de Mário de Andrade. Rio de Janeiro. Edições Alumbramento, 1998.
- ANDRADE, Mário. **Entrevistas e depoimentos**. São Paulo: T&A Queiroz Editor.1983.
- ANDRADE, Mário de . **O turista aprendiz**. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidade/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- AVARÉ, Prefeitura Municipal de (Org.). **Álbum histórico e fotográfico** : Avaré. 1. ed. [S.l.]: Grill Gráfica e Editora, 2012.
- BAUMAM, Zygmund. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BOCCHI, Flora. **História de Avaré** : . .. ed. Avaré: Editora Arcadia,. 200 p. v. 1. 2000.
- BOGÉA, Marta. **Cidade errante** : Arquitetura em movimento. 1. ed. [S.l.]: Senac, 2009.
- BRANCO, Carlos Heitor Castello. **Macunaíma e a viagem grandota**. São Paulo: Quatro Artes, 1970.
- COSTA, Lúcio. Carta-depoimento (1948). In COSTA, Lúcio. **Lúcio Costa**;. sobre arquitetura. Textos de Lúcio Costa. Organização Alberto Xavier. Porto Alegre, Centro de Estudantes Universitários de Arquitetura, 1962.
- DEBORD, G-E. **"Teorias da deriva"**. Em revista Ócullum, nº4, Campinas, FAU/PUCCAMP, novembro de 1993.
- GUERRA, Abílio . **Arquitetura e natureza** : Pensamento da América Latina. 1. ed. [S.l.]: Romano Guerra, 2017.
- JACQUES, Paola Berestein (Org.). **Apologia da deriva** : Escritos situacionistas sobre a cidade. ed. [S.l.]: Casa da Palavra, 2003.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona (Org.) .**Viagens e o fotógrafo**. In: Mário de Andrade: fotógrafo e turista aprendiz. São Paulo: IEB/USP, 1993.
- TEIXEIRA, Carlos M. **Ode ao vazio** : Pensamento da América Latina. 1. ed. Brasil: Romano Guerra, 2017.
- TELLES, Sophia S. **Arquitetura moderna no Brasil** - o desenho da superfície. Dissertação de mestrado em filosofia. Orientador Victor Knoll. São Paulo. FFLCH USP. 1988.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental** : Transformações contemporâneas do desejo. 1. ed. [S.l.]: Editora Sulina, 2016.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SIMMEL, G. **"Puente y porta"**. Em: El individuo y la libertad: ensayos de la critica de la cultura. Barcelona: Ediciones Península, 1986.
- SPECK, Jeff. **Cidade caminhável** : . .. ed. [S.l.]: Editora Perspectiva, 2016.